

O HERALDO

Proprietário e editor,
JOSÉ MARIA DOS SANTOS

Redacção e administração—Praça, 10

(ANTIGO "JORNAL DE ANNUNCIOS")

Composição e impressão,

TYPOGRAPHIA BUROCRATICA

Rua Nova Pequena, 1, 3, 7, 9 e 11—Tavira

ASSIGNATURA

N.º 1036

Para Tavira (semestre)..... 400 réis
Para fóra 500 »
Número avulso 20 »
Toda a correspondência deve ser dirigida ao proprietário.

TAVIRA

QUINTA FEIRA, 8 DE MAIO DE 1902

ANNUNCIOS

Por cada linha 40 réis
Os annuncios do commercio e industria, leem redução convencional.
Annuncios permanentes, por ajuste particular extremamente vantajoso

20.º ANNO

A ESPIGA

Hoje pôde descançar o governo: não terá a assustal-o a noticia de tumultos graves ou graves insubordinações, não ouvirá fallar mal do convenio nem receberá telegrammas em cifra dando alarmes de revolta. Poderão vir a terra os officiaes de prevenção a bordo e permittir-se licença ao guita que marcou hora á sopeira do Pacheco. A *Liga Internacional da Paz* conta hoje um adepto por cada portuguez. Dia feriado para os sustos do governo e dia de regabofe para a prevenção da policia. Os governadores civis, os commissarios de policia, os administradores do concelho, toda essa amálgama da authoridade portugueza não terá de prohibir hoje o direito de reunião. O lapis azul do corregedor Veiga não terá que demolir: artigos festivos, trechos lyricos, chronica d'hortas com peixe frito e salada. Uma paz pôdre. A vida portugueza na pura essencia da sua constituição.

Mal surjam na tela alacre do horizonte os primeiros clarões da madrugada o grande regimento publico irá já pelas estradas fóra, caminho do campo, não para formar comícios de protesto e berrar phrases patrióticas, mas para solemnizar mais um dia de festa, esquecido do discurso dramatico do sr. João Arroyo e dos reclames de *vida nova* do sr. José Luciano.

As gazetas de quinta-feira passada, primeiro de maio, apregoavam a festa do povo: era o *Zé* mais novo, o *Zé* de blusa, que já lê nas gazetas, que sabe o nome do José Fontana, que discursa e que paga no fim do mez a quota da sua as-

sociação de classe. A festa d'hoje é a do outro *Zé*, o *Zé* genuinamente portuguez, analfabeto, que traz varapau e usa jaqueta de briche, o *Zé* que canta o fado nas romarias e dança o *vira* na noite de S. João. Para esse é que é hoje o dia da festa grande, dia da *espiga* por elle celebrado com entusiasticas saudações a Bacho e uma regalada soneca á sombra das alfarrobeiras.

As cidades, os desordenados quarteis do grande regimento publico, teem hoje o solitario aspecto de conventos abandonados—tudo só! tudo deserto! O grande regimento sabiu; mas não dê isso cuidados ao governo: nem foi exercitar-se na *Kropatschek* nem redigir representações de protesto para a sede das associações. Foi para o campo, foi para as adegas, foi para a paz.

Borracha na mão, cabaz do farnel ás costas, elle ahi vae atravessando caminhos e hortejos, na mesma despreoccupação do costume, assobiando, laracheando, o portuguez alegre de todas as horas, de todos os instantes. E vão lá dizer-lhe que o paiz está a cahir nas mãos dos estrangeiros, que o convenio é uma pouca vergonha e que as contribuições vão augmentar... Elle responderá com um gracejo, elle deixará correr o marfim... Abençoadissimo *Zé*. A patria chama-o ás armas: elle vae á espiga.

ANTONIO PEREIRA REIS

ADVOGADO

RUA DA CONCEIÇÃO

VULGÓ DOS RETROSEIROS) 149, 1.º

LISBOA

guntava por mim, nos meus dias de cabula, pela solicitude e interesse com que me perguntava por vocês, quando faziam gazeta ao escriptorio!

—Então esses cábulas? Então esses marotinhos? Doente, algum?

—Na esturdia, Maricas! Andam todos por lá...

—Ora vejam!—fazia ella quasi escandalizada.

Ah, com eu me lembro n'este momento da vivacidade franca dos sorrisos que nos mandava, quando todos em pinha, palreiros conversavamos, com ella de janella para janella, n'um *tele-à-tele* que durava horas, muito familiares, muito dados, quasi que chamando-lhe por tu e ella a nós!

Como eu me lembro!

Ella tinha sempre uma reposta e um sorriso para cada uma das mil perguntas que lhe faziamos, e então uma grande paciencia inexaurível. Nós, os estroinas, quasi que chegavamos a adorar aquella ingenuidade singela do seu coração de muitos annos. A boa da Maricas era adoravel, toda ella bon-

CANCIONEIRO ALGARVIO

NO TEJO

Meio-dia tangeu quando o navio
A ancora arrancou do lodoso fundo;
E o Tejo, como um passaro erradio,
Ostentava o seu canto gemebundo.

O movimento do velho Rocio
Ecceja no meu ser meditabundo;
E apesar de gelado o patrio brio,
Deixo com dor o triste Moribundo...

Deixo com magua no sopé d'alem...
Viril saudade: a Torre de Belem,
O mimoso padrão que lembra o Gama!

Deixo sem magua a farça permanente,
O traficar da vil e ignobil gente,
Que Portugal lançou na immunda lama...

NO ZAIRE

A patria lá ficou em agonia,
Em rijas convulsões de morbidez;
E, na mente excitada, o portuguez
Conserva apenas restos d'energia.

E eu n'estes mares em que n'outro dia,
Desde as Indias até proximo a Fez,
Dominava a lendaria intrepidez
D'aquelles homens que o Universo via!

Caminho a medo, com immenso medo,
Como caminha o caçador furtivo
Ao vér as grandes sombras do arvoredo...

E' que a extensão da nossa audaz riqueza
Só representa, um mudo negativo,
Cinco palmos de terra portugueza!...

Em viagem, março de 1890.

MARCOS ALGARVE.

O "HERALDO" é o jornal
mais barato e de maior circulação
em toda a provincia
do Algarve.

N'um exame:
Examinador—O que é grammatica?
Examinando, mostrando-lhe o livro—E' isto!

dade e paciencia para os nossos disturbios e para as nossas algazarras de toda a hora e de todo o instante.

Mas, como se familiarizou ella connosco e nós com ella, é que me não lembra, e porventura a nenhum de vocês, acho eu. O que é certo, rapazes, é que nós como que a consideravamos uma companheira de redacção, especie de directora com casa á parte e viver independente,—pois que se entravamos no escriptorio (parece mesmo que estou a ver aquella barafunda de escriptorio!) assomando á janella, a não viamos na rua, diziamos quasi sem querer, mas invariavelmente:

—Mau! Falta hoje a Maricas!

Diacho! mas onde iria a Maricas?

E passados instantes debandavam todos, um agora, outro logo, á formiga, mal nos convenciamos de que ella passava a tarde fóra, em casa da *freira* do Quebra-Costas—d'essa lembram-se vocês... No entanto, deveis recordar vos que ella, no dia seguinte...—coitada!—a primeira coisa que fazia era jus-

O nosso presado collega O *Districto de Faro* insere no seu ultimo numero o projecto de condições, approved pela camara municipal de Faro, para o concurso da illuminação electrica e abastecimento d'aguas d'aquella cidade, concurso que deve terminar no dia 26 de junho.

—Está a concurso o logar de secretario da administração do concelho de Mertola.

—A camara municipal do nosso concelho deferiu um requerimento em que o sr. André dos Santos, d'esta cidade, pede que, por dispensavel do serviço publico, seja posta em praça uma porção de terreno municipal, comprehendida entre a estrada da Asseca e uma recta desde o extremo do muro de suporte d'esta estrada, lado sul, até ao pontão que existe na mesma, lado norte, e deliberou que n'esta alienação se sigam os tramites legais.

—A camara municipal do concelho de Olhão foi entregue uma representação dos habitantes de Quelles pedindo a construcção da estrada municipal d'aquella freguezia a Pexão.

—Pela commissão districtal de Faro, foram adoptadas, entre outras, as seguintes deliberações:

Consultar favoravelmente a concessão de licença, requerida pelo sr. Evaristo Penteado, de Faro, para deposito de alfarroba n'um armazem situado na rua do Trem, d'aquella cidade;

Consultar favoravelmente a concessão de licença, requerida por Antonio de Sant'Anna Leite, da Armação de Pera, para montar e explorar um alambique de destillação de aguardente do systema ordinario, na ru do Sapal, do dito povo;

Approvar, com modificações o regulamento dos serviços e taxas dos cemiterios do municipio de Villa do Bispo.

—Foi autorisada a criação e respectivo provimento por concurso do logar de pharmaceutico da Misericordia de Monchique, cuja dotação é de 330:000 réis.

ficar a sua falta: «estive aqui, estive alli, fui a umas compras com a mamã, um pouco ruborisada e confusa, como se na realidade a sua obrigação fosse estar alli a atuar-nos. Por pouco ella nos não pedia de mãos postas que lhe perdoassemos, a boa da rapariga.

E nós então galhofeiros, brincalhões:

—Sem mais *aquellas*, D. Maricas! A congregação risca-lhe a falta, ora essa!...

E ella mais confusa, fazendo girar no dedo o seu anelzinho de cobra:

—Pois sim, mas é que ás vezes...

—As vezes quê?...

Não! Ora adeus! Ninguém desconfiava que ella estivesse zanga da connosco. Sahira, porque tinha de sahir, essa é boa!

Pois não era verdade—perguntavamos-lhe—que ella adorava aquella *troupe* de bohemios?

—São todos muito bons rapazes—dizia já a sorrir.

—Todos me tratam muito bem... E quando dizia isto, o seu rosto

DE CALDAS DE MONCHIQUE Á FONTE SANTA

Estavamos em julho. A tarde calma... quente, corria preguiçosa... serena... indolente. E sós, na vastidão, triste, da serra immensa, e no fundo do valle, onde a mata é mais densa, vae uma pobre mãe, seguindo seus filhinhos, que famintos, doentes, fracos... sem carinhos, intentam avançar pelo ingreme carreiro, a encontrarem o pap; misero carvoeiro, que vem descendo no longe, a grande cumeada. Elle partiu pr'a villa, quando a madrugada pintou no horizonte, um primeiro claror. Andou horas e horas, mostrando o carvão, pr'a vender afinal, por infima quantia! Volta agora apressoado. O' suprema alegria! Os filhos vão ter pão!

Que terrivel labuta!

Fatigante trabalho! Sim, qu'enorme lucta, n'essas noites perdidas, a carvoejar! Que longas caminhadas! Que passos a dar, pr'a ver realizados, uns simples intentos! Colocar o carvão, pr'a comprar alimentos! Ha vinte annos que vivem, nos mesmos casebres, soffrendo de sezões, calafrios e febres! Vinte annos! Vinte seculos, ali passados, no meio das estevas, sós, desamparados, sem familia, sem amigos, sem ninguém, sem uma alma bondosa, sem terem alguém, que se compadecesse, d'aquelle viver, d'aquelle desconforto, d'aquelle soffrer!

Não conhecera paes! Engeitados da Sorce, entraram n'esta vida... pr'a entrarem na morte! Morte lenta, cruel, e cheia de tormentos, vibrada a golpes fortes, cortantes e... lentos! Que falta, desvários, ou actos commetteram, pr'a tão duro castigo? Um é grande. Nasceram! Abominavel crime! Tal atrocidade, revolta o coração, perturba a castidade, do nosso lar domestico! Que fazer pois? O mais simples de tudo: abandonar os dois, deixal-os sós na vida, esse medonho abysmo do acaso! Mas primeiro... soffram o baptismo, para a obra ser christã. Depois... depois, mais nada, nem mais era preciso... fínde-se a macada. Então elles, coitados, banidos do mundo, sem protecção, sem meios, e um soffrer profundo, casaram! Desgraçados! Pobres infelizes, que julgaram tapar, as fundas cicatrizes, dizendo á sociedade: somos gente enfim! Entramos no teu seio, esse immenso jardim, cultivado pr'a Lei, pela Ordem, pr'a Virtude! Derrama sobre nós, com toda a magnitudo, os fructos saborosos, da arvore do Bem, que d'ella somos dignos. A Deusa porem, gritou-lhes indignada: Fóra maltrapilhos!

miudinho e muito pallido todo se illuminava de prazer e sorria de intima gratidão. Mas porque sympathisava ella connosco; á pobre da Maricas?

Quando nos via em palestras interminaveis, nas libações do *cognac* e do café, ouvia-se-lhe da janella um—*pschuu!*—muito sibilado. —Que manda a D. Maricas? E servida?

E ella, levantando os olhos da cortina, com ares de formalisada: —Mando! que escrevam; que trabalhem! Já fizeram o jornal?

«O cuidado que lhe dava o jornal!»

—Ora faz favor de não fallar em coisas tristes? Olhem agora que lembrança, o jornal!

E ella então, por unica resposta, dizia-nos ás vezes que na semana passada o typographo viera queixar-se de que havia falta de originaes, quantas vezes o garoto da imprensa viera pedir as provas emendadas.

E por fallar em provas:—a Maricas sabia todos os signaes das emendas, todos.

FOLHETIM

MARICAS

Vocês lembram-se da Maricas, aquella magrita de cabellos muito castanhos, quasi louros, que mourova defronte da redacção, lembram-se? a boa da rapariga era nossa amiga, pois não era? Sempre benevola e complacente para as nossas balburdias e algazarras, de todo o dia e de toda a noite. E vocês bem sabem que taes ellas eram, as nossas balburdias e algazarras... Eu, na Maricas, admirava uma virtude rara, toda original e encantadora:—a de não mostrar jamais, na sua amizade, preferencia por algum de nós. Dir-se-hia que era nossa irmã, ou mesmo nossa mãe, pois que nos queria a todos por igual, a pobre Maricas de olhar azul e brando...

Não sei se já vos disse: adivinho o interesse com que ella vos per-

Estão sentenciados, vocês e seus filhos,
A' nossa indiferença! Sigam o caminho,
da acerba desventura! Este formoso ninho,
só dá abrigo ao feliz! Pr'a vós o lodacal,...
E quando não poderem,... lá está o hospital!

JERONYMO NEGRÃO BUISEL.

Julho de 1898.

ECCOS

Bporkman, o inspirado poeta sueco, vae traduzir para a sue lingua a notavel peça theatral de Julio Dantas, a *Ceia dos Cardedeos*, que deverá ser representada no primeiro theatro de Stockolmo.

Assim o communicou a Julio Dantas o nosso illustre compatriota e laureado poeta Antonio Feijó, ministro portuguez n'aquella capital.

O *Seculo* de domingo ultimo, em carta d'um dos seus correspondentes de Paris, o sr. Almada Negreiros, torna a occupar-se do interesse com que o sr. Paulo Vibert, sabio professor da Sarbonne, se refere ás colonias portuguezas nas suas amiudadas e criteriosas conferencias sobre assumptos coloniasaes.

Paulo Vibert continua a fallar das nossas colonias no *amphiteatro*.

Boa ideia não ha duvida.

Para tratar de colonias portuguezas não achamos logar melhor apropriado que o *amphiteatro*.

Marque lá duas á preta, o illustre sabio!

A EPOCA

Visitou-nos este nosso collega da capital, dirigido pelo distincto jornalista dr. Zeferino Candido e que tem por colaboradores, entre outros, os festejados escriptores srs. Luiz Galhardo, Manuel Penteado, Camara Lima, etc. E' um bom jornal e que se destina, pela boa orientação que traz, a um largo futuro.

Assim o desejamos.

O rendimento aduaneiro do porto de Tavira, no mez de abril ultimo foi de 147.681 réis.

—Na segunda-feira passada partiu para a carreira de tiro a ultima leva de recrutas para o exercicio ao alvo, sob o commando dos sr. capitão Gomes Paulo.

A seguir deverão vir para o mesmo exercicio as companhias de infantaria 17 aquartelladas em Beja. —Regressou no dia 5 a esta cidade, o destacamento de infantaria 4 que se achava no Lazareto de Lisboa, sob o commando do sr. tenente Leote, e que foi rendido por igual força do mesmo regimento commandada pelo sr. tenente Chrispin.

—Foi authorisado o director das obras publicas de Faro a fazer aquisição de pedra britada para as obras da mesma direcção.

—Olhe lá, Maricas, está aqui uma letra a mais n'esta palavra.

—Risco por cima, risco á margem, e um d' cortado; é facil.

—Um m de pernas para o ar, e esta?

—Risca-se, e um tres cortado, á margem. Está farto de o saber...

Quando via alguém sentado á mesa, a rabiscar, pedia sempre que lhe fosse mostrando as tiras, á medida que as escrevesse, talvez porque advinhava que isso era um estimulo. A gente fazia-lhe então a vontade, e mal escrevia a derradeira letra pegava da tira e dizia-lhe para a janella, acenando-lhe com o papel:

—Maricas, cá está uma, vá contando. Veja: escripta d'alto a baixo.

A terceira que se lhe mostrava, ella sahia-se de lá com um—bravo! —e recommendava, sollicita, cinco minutos de folga, enquanto se fumava um cigarro.

A Maricas era quem nos cortava as cintas para o jornal e quem nos fazia a gomma nos dias de expedição. Que ricas cintas e que bella gomma! Em paga, quando o jor-

MEIO DIA

Ao Dr. Fortunato Carneiro

Que grande silencio
Se fez de repente,
As aves são mudas,
A ria silente,
A brisa não passa
Na fronde virente
E a frauta suspende
A toada plangente
Aonde o pastor
Exprime fremente
Ou magua dolente,
Ou penas d'amor.

Perderam a côr
As nuvens d'opala
O ar não respira
O campo se cala;
E a onda revolta,
Não geme, nem falla,
A altiva torrente
P'la relva resvala
N'aquella surdez,
Que apenas eguala
Dos mortos na vala
A fria mudez.

Dos galos o canto
Perdeu a harmonia
O som é mais rouco
A toada mais fria.
Seguindo essa pausa
Tão calma e sombria
Os sinos da ermida
Bateram meio dia,
E o pobre aldeão
Com santa alegria
Disse a Ave Maria
De joelhos no chão.

THOMAZ LEÃO.

BRAZ D'ASSIS CORREIA

Acaba de surprehender-nos dolorosamente a noticia da morte de este querido amigo, a quem se ligavam tantas recordações da nossa vida academica.

Braz d'Assis Correia, que teria agora 60 annos, era ainda dos portuguezes de antiga tempera, honrado, bom, prestadio e desanimado hora a hora ante o descalabro em que lhe parecia afundar-se toda a nossa sociedade. Teve principios litterarios que muito bem podiam notar-se em todas as suas palestras e conselhos, hora a hora dados a toda essa legião de moços academicos que em Faro o teve como pae carinhoso ou desvellado amigo.

Foi 1.º aspirante dos correios, logar que desempenhou sollicitamente e de que ha annos se achava aposentado.

Era muito estimado em Faro e a sua morte deixou dolorosa impressão em toda a gente da cidade e tambem em todo o Algarve onde contava amigos verdadeiros.

A toda a sua familia, e em especial a seu filho e nosso querido amigo Guilherme Augusto Marques d'Assis Correia, enviamos a sincera expressão do nosso pesar.

nal chegava da imprensa, quasi sempre nos sabbados á noite, o primeiro exemplar era para ella. Como a rua era estreita, atirava-se-lhe da janella.

—Maricas, ahi vae ainda fresquinho!

—stá bem, obrigada. Vou lêr, até amanhã. Corriamos todos á janella, a dar as boas noites á nossa amiga.

—Durma bem, ouviu?

E no dia seguinte, a Maricas repetia a cada auctor phrases e phrases do artigo publicado, jurava que nos conhecia no estylo ainda que mudassemos de pseudonymo. De resto, sempre benevola: achava tudo muito bom—«escripto com muita graça e muito bem»—como ella dizia.

Nos serões que faziamos e que por via de regra não passavam de um interminavel cavaco, dizia-se mal das mulheres, discutiam-se escandalos, desvendavam-se segredos, tal e qual como em todas as redacções... Mas das Maricas ninguém tinha que dizer senão bem; era a priverligiada n'aquellas sessões de má lingua. Quasi sempre a conver-

Um Menino

que tinha coqueluche, sarampo,
e uma constipação.

As crianças que não demonstram um desenvolvimento sadio, raras vezes precisam de remedios fortes. Ellas necessitam de um tratamento como o suggerido na seguinte carta:

VILLA NOVA DE GATÁ,

1 de Abril de 1901.

Todo o elogio que se possa fazer á EMULSÃO DE SCOTT e pouco.
Meu filho Antonio, de 3 annos de idade, era achadissimo á coqueluche, sarampo, e quasi sempre se achava constipado. Algumas pessoas aconselharam-me a dar-lhe a EMULSÃO DE SCOTT. Obtivemos um frasco grande, e depois de o tomar as suas melhoras eram muito visiveis. Depois



ANTONIO DA SILVA.

de tomar mais 3 frascos ficou completamente curado e muito robusto, como vereis pela sua photographia.

Sempre aconselhei e continuarei aconselhando a todos os paes a que dêem a seus filhos a EMULSÃO DE SCOTT, que julgo ser a melhor preparação para todas as molestias do peito.

E agradável ao paladar, e as crianças chamam-lhe o seu melhor manjar.

JUSTO DA SILVA.

Rua 14 d'Outubro, 123.

A EMULSÃO DE SCOTT vence toda a tendencia para o definhamento do organismo.

E um preparado de oleo de fígado de bacalhau que disfarça completamente o gosto do oleo, e o torna facil de digerir. A EMULSÃO DE SCOTT ajuda a digestão, estimula o appetite, enriquece o sangue, e robustece o organismo inteiro d'uma maneira mais natural do que se poderia effectuar com drogas.

Não deis a vossos filhos remedios secretos, dae-lhes a EMULSÃO DE SCOTT, que é conhecida e approvada pelos medicos, e não precisareis d'outro remedio.

A verdadeira EMULSÃO DE SCOTT traz sempre a nossa marca registada: Um homem segurando um grande peixe sobre o hombro.

AGRADECIMENTO

JOÃO ESTEVÃO AGUAS, penhoradissimo para com todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde, quer visitando-o, quer mandando perguntar a sua casa, vem por este meio agradecer-lhes tão grande prova d'estima, pedindo desculpa d'alguma falta involuntaria nos agradecimentos pessoasas.

A todos a sua indelevel gratidão.

sa degenerava em algazarra—um que se lembrava de cantar, outro que ia pela guitarra e gemia fados com acompanhamento de violão. E era de ver o Santos Mello, de olhos cerrados e cabeça á banda, como cantava a sua quadra predilecta:

Sei cantigas mysteriosas
Cantigas de endoideceras
Que os lirios dizem ás rosas
Que as rosas me vem dizer

Mas no meio d'esta inferneira havia sempre um que recommendava silencio:

«Com mil demonios! não viam que a Maricas não podia pregar olho...»

Todavia...—ó suprema bondade!—ella nunca se queixava quando no dia seguinte nos vinha dizer até que horas durára a estroinice, o que se tinha tocado, o que se cantára, quem tinha rido mais, e, até, ás vezes que as cadeiras tinham cahido.

«Ora riam!? Não a tinham deixado dormir! A Maricas que des-

NOTICIAS DE CARTEIRA

Pelas cinco e meia horas da tarde de segunda-ultima teve logar na igreja de Nossa Senhora dos Martyres da villa de Castro-marim do mesmo concelho, o enlace nupcial do sr. José Falcão Berredo, sympathico moço d'esta cidade e rico proprietario, com a sr.ª D. Julia d'Oliveira Baptista, senhora de extremos dotes de sympathia e virtude, tambem d'esta cidade.

A noiva trajava um elegante vestido de setim azul com ramos brancos e foi sua madrinha a sr.ª D. Anna de Bivar Cumano e padrinho o seu tio sr. Bernardino d'Oliveira Baptista representado por procuração na pessoa do sr. Constantino Cumano. Acompanharam o noivo á igreja os srs. dr. Silvestre Falcão e dr. João Ponce, irmão e cunhado do noivo e Joaquim Julio d'Oliveira Baptista, irmão da noiva.

A seguir á cerimonia houve *copo d'agua* em casa da residencia da sr.ª D. Thereza d'Oliveira Baptista, mãe da noiva, retirando depois os noivos para Tavira onde fixam residencia.

Na *corbeille* da noiva viam-se as seguintes offerendas:

Um broxe de brilhantes e perolas, do noivo; meio faqueiro em prata e uma pulseira d'ouro e perolas, de D. Thereza Emydia d'Oliveira Baptista, mãe da noiva; um broxe de brilhantes, de D. Anna de Bivar Cumano, madrinha da noiva; um estojo com seis escovas em prata cinzelada, de Bernardino d'Oliveira Baptista, tio da noiva; uma garrafa de *toilette* em crystal e prata, de Joaquim d'Oliveira Baptista, tio da noiva; uma salva de prata cinzelada, de D. Maria das Dóres d'Oliveira Baptista, tia da noiva; um trinchante em prata com estojo, de D. Maria Adelaide d'Oliveira Baptista, tia da noiva; um galheteiro em prata, de Alexandre d'Oliveira Baptista, tio da noiva; um corte de setim *broché* para vestido, de D. Anna de Bivar, tia da noiva; uma pulseira d'ouro e brilhantes, de D. Luiza de Bivar, tia da noiva; um estojo com colheres em prata para doce, de D. Isabel Cumano de Bivar; um jarro em crystal e prata para agua, de D. Rita e D. Jesuina Falcão, mãe e irmã do noivo; um trinchante em prata, de D. Anna de Mello Trindade; um centro de mesa, de D. Dóres Falcão Ponce, irmã do noivo; um serviço para ovos, de D. Maria Abom; uma bandeja para caramellos, de Rodrigo de Mendonça; um broxe d'ouro, *arte nova*, de D. Maria Cumano; um *saxé* de setim branco, pintado, do D. Justina Fialho; um estojo com colheres em prata, para chá, de D. Sarah Azancot; uma caneta de prata, de D. Joaquina Coutinho; um guarda joias, *arte nova*, de D. Hermenegilda Braga; um estojo com serviço em prata para doce, de D. Maria Simões Pires; um *porte-montre* arte nova, de D. Sebastiana Araújo; um jarro em crystal para agua, de D. Maria Antunes; uma almofada em setim, bordada, para *toilette*, de D. Isabel Mimoso; um espelho para *toilette*, de D. Maria Mimoso; uma manteiguera em crystal e crystalle, de D. Maria Amado da Cunha; uma *bobonière* em *biscuit*, de D. Maria e D. Anna Teixeira.

Regressou a Faro, o sr. Manoel José Ferreira d'Almeida e sua interessante filha.

Na companhia do primeiro official da sua repartição, sr. João Possidonio de Freitas, deve chegar brevemente ao Algarve, em serviço de inspecção e instalação da commissão de fallas, o sr. Silvino da Camara, inspector geral do thesouro.

Está em Odemira o sr. dr. João Victorino Mealla, advogado em Silves.

Está em Olhão o poeta João Lucio

Estão em Lisboa os srs. José Duarte Serpa e Francisco Duarte, de Portimão.

Estiveram a semana passada em Faro os srs. drs. Pegas Cabrita e José de Brito, juiz e delegado da comarca de Loulé.

São esperados no Algarve, para o serviço de inspecção a funcionarios dependentes do ministerio da fazenda, os srs. drs. Almeida Dias e Archer da Silva.

De passagem para Caçella esteve aqui na sexta-feira o sr. Antonio Caetano Celorico Gil, estudante da faculdade de Direito na Universidade de Coimbra.

culpasse; palavra d'honra! d'ora ávante...

—Ella então acudia logo, como a remediar uma grande desgraça:

—Não, não, eu até gosto. Entrem-me vêl-os alegres, faz-me bem, ora essa...

Pois, meus amigos! a boa da Maricas—morreu! Vocês não sabiam? E morreu tísica, a desgraçada Maricas! Só depois que o soube, é que eu comecei a pensar n'aquella tosezinha muito sêcca em que ás vezes a surprehendiamos, n'aquelle pallido das suas faces, no luto das suas olheiras, n'aquella magreza transparente das suas mãositas de marphim.

Pobre Maricas! Havia tres mezes que ella me desappareceu da sua janella, onde continui a vê-la depois que o jornal acabou. Eu sabia lá para onde ella tinha ido?!

Mal diria eu que estavas no cemiterio, tão longe e tão só! porventura na yalla commum, sem umas folhas de rosa sobre a tua se-

A ex.ª sr.ª D. Maria Dorothea Rebello Neves, esposa do sr. Antonio Pedro Carrajola Travassos Neves, escripto-notario em Faro, já experimenta, felizmente, alguns allivios da perigosa enfermidade de que ha dias vinha soffrendo.

Partiu na quinta-feira para Lisboa, d'onde regressou no domingo, o sr. Antonio da Cruz Balté.

Esteve no sabbado em Tavira o sr. Zacharias José Guerreiro.

Está em Tavira o sr. Vasco Pereira de Campos, major do corpo de officias da administração militar.

Adoeceu em Faro o administrador do concelho de Villa do Bispo, sr. José Cardoso.

Partiu na quinta-feira para a capital, acompanhado de sua familia, o sr. Joaquim Thomaz Pires Correia d'Azevedo.

Chegou de Leiria a Lisboa, d'onde esta semana deve partir para Faro, o sr. F. de Abreu Marques, delegado do thesouro do districto.

Regressou de Albufeira a Faro, muito melhorada dos seus padecimentos, a inspirada maestrina M.elle Alice Soares (Ponte de Marxil).

Foi a Lisboa tomar parte nos debates parlamentares o par do reino, sr. Joaquim José Coelho de Carvalho.

Retirou de Olhão para a capital o sr. Domingos Eusebio da Fonseca, deputado pelo Algarve.

Vindo de S. Martinho do Porto chegou ao Algarve na semana passada o sr. Victorino de Avelar Froes.

Já estão em Faro os academicos srs. Cavaco, Fonseca e Vaz.

TENTATIVA DE SUICIDIO

Tentou suicidar-se em Faro, por meio de envenenamento, o aspirante de pharmacia sr. Francisco de Sousa Eusebio, irmão do sr. João de Sousa, junior, boticario.

THEATRO LISBONENSE

Por carta recebida de Aveiro, onde actualmente funciona este theatro-barraca, e do proprio punho do seu director, o nosso impagavel Domingos, podemos dar a alegre noticia aos *aficionados* que este snno nós visita, porque segundo elle diz, depois de fazer a feira de S. João em Evora, tenciona dirigir-se ao *paiz da alfarroba*.

Além dos artistas nossos conhecidos traz muitos novos e de merecimento, assim como novo repertorio, guarda roupa e scenario que muito têm agradado.

Por conseguinte, vão afferrolhando na *burra* o rendimento da mesma e do figo, para o depositarem na bilheteira do *Theatro Lisbonense*.

PORTIMÃO

VENDE-SE uma morada de casas al-
tas, com os n.ºs 46, 48 e 50, na
rua de Santa Isabel, em Villa Nova
de Portimão, com baixos, cavallari-
ça, dois quintaes, metade em um po-
ço d'agua. Recebem se propostas em
carta fechada para a rua de Serpa
Pinto, 59—FARO.

pultura humilde—onde n'este instante cahe chuva e chuva! Ainda se as noites fossem todas de luar... Minha triste amiga! como eu agora relembro, cheio de magua, a tua phrase de infinita bondade e de infinita resignação:

—«Entrem-me vêl-os alegres, até me faz bem...»

Comprehendo agora tudo: vivias da nossa alegria, já que a tua alma era triste... Mas porque foi que nos não disseste, pobresinha! que n'essa phrase singela ia a revelação do presentimento que tinhas da tua morte?! Triste creança que nós não mais veremos!

Olha, Maricas, escrevi quatro tiras. Já me não dizes—bravo!—ora não?...

Bom Deus! bom Deus! Para que a terra produza diamantes, e d'ella rebentem flores, são talvez, precisos estes corpos a vigorar-lhes as seivas!...

TRINDADE COELHO.

RINDO...

Com que então, cara Angelica, querias que eu levantasse o fôlho da minha mascarilha, que deixasse de gosar as delicias do mysterio, para veres se era um despeitado e se o não fôsse consentias, talvez com sacrificio,—obrigado Angelica,—em cazar comigo?!

Ha, minha boa amiga, temos conversado!

Eu, cazar contigo? Que idéa! Casar com uma jovem que arvorando-se em Maria da Fonte, segundo edição, se escuda—naturalmente—com o respeito devido ao sexo fragil e hasteia a bandeira da revolta disparando sobre mim, em nome das *celibato cultoras*, uma interminavel serie de *amabilidades* que, bem longe de me ferirem, veem apenas confirmar o juizo que sempre fiz e faço. agora mais do que nunca, das *solteironas*.

Sim, *assanhada-Angelica*; és tu que, deixando fugir a lingua para a verdade, confirmas tudo o que ha tempos disse de vós.

Começas por applicar á classe o epitheto de *veneraveis*.

Veneraveis sois, na verdade... como preciosas reliquias de outras eras.

Venero-vos com o respeito devido a quem tem passado a vida em busca dum ideal que não se digna apparecer; a quem perdeu o viço da juventude num constante supplicio de Tantalos: ver o hymeneu e não lhe poder chegar...

Venero-vos com o respeito devido á vossa idade, com a consideração devida ás martyres... do Amor.

Mas que fazer, se *Elle*—o tal menino travesso—o Amor, anda quasi sempre vendado?

Como havia *Elle* de fazer-vos pontaria!...

Desculpa, *Angelica*, se não te trato com as contemplações devidas ao sexo fraco, mas—continuo na minha, sou teimoso,—a *solteirona* não tem sexo... é um ser amphibio... uma organização *neutra*... *lizada* pela falta do sagrado nó.

Mas, diz-me cá: quando é que eu vos chamei *solas*?

Quando disse que o vosso rosto é *apergaminhado*?

Francamente, é desconhecer a diferença entre *solla* e *pergaminho*... Olha que o *pergaminho* tem um grande merecimento,—o da antiguidade.

E tendo *illuminuras*?

E quantas de entre vós,—talvez tu mesma...—não adquiris esse augmento de valor, *illuminando* o rosto, não com o brilho do olhar—isso é para as mais novas, que apodas de *delambidas*,—mas com o *Cold cream*, o *carnim*, o *Nankim*, e quejandos artefactos inventados por alguma feiticeira *solt*... perdão,—desilludida, para intrujar a humanidade?

Indignas-te por eu dizer que o matrimonio desempenha na vossa vida o mesmo papel que o carapau na de qualquer *carocho*... Não quiz com isto comparar-vos a *gatas*; foi uma simples flôr de rhetorica, ou de coisa parecida... Longe de mim então tal idéa, minha boa amiga;

Vejo agora, porém, que fiz mal, pois és tu mesma que te arrogas qualidades *felinas* prometendo—*textual*—*esgatanhar-me a caveira e arrancar-me corréas da pelle que a cobre*...

Que horror!... Ainda se fizeses tudo isso ao contrario, isto é: Se me *esgatanhasses* primeiro a *pelle* e depois *arrancasses* as *corréas*, vá. Mas isso de *esgatanhar caveiras* é o mesmo que arrancar ossos... não achas?...

Só se for para afiares as *garras*, *angelical* creatura...

Não quereis ser o *tal producto acre*, que azeda a vida feliz das que alcançaram o *Eden* matrimonial, e chamam-lhes *delambidas* que *mostram a certidão de idade*, *arreganhando o dente*!...

Dás lenha para te queimares, desgraçada *celibato-cultora*!...

Tambem não é mal achada a denominação de *celibato-cultora*, mas aconselho-te outra melhor, e talvez causa primaria desta:—*cabaço-cultora*...

... Que eu desdenho e por isso, segundo o dictado, quero comprar...

Não digo que não:—comprearei, (vê como sou vosso amigo!) mas... para revender a alguma agencia matrimonial...

... Declaras-te *celibato-cultora voluntaria* e já a minha chronica te servia de pretexto para me pescares para marido!...

Não caio nessa... nem pensar nisso é bom!...

Mas, não fallemos em coisas tristes!

Pois eu havia de cazar com uma *celibato cultora* que tem tão coherentemente arraizada a paixão por esse... *sport*, que á primeira vez que se me dirige me faz um *atirango* em forma?...

E que *faiscado*!...

Com uma *veneravel menina*—cruzes, Canhoto!—que me quer fazer passar tormentos inquisitoriaes, *esgatanhando-me a caveira, tirando-me a pelle* e por fim *querendo casar comigo*, sem reparar sequer que apenas desposava ossos?...

Coitada! Até um esqueleto lhe servia!

Vejam se eu não tinha razão!

Intimas-me a que te diga quaes de vós, *meninas solteiras* (por força das circumstancias) constituís o *tal producto acre*—as *solteironas*.

Vou fazer-te a vontade.

Solteirona é todo e qualquer organismo feminino que dobra o cabo tormentoso dos 30 annos sem ter conseguido entrar a almejada barra do casamento.

Portanto, *solteironas* sois todas as que, subordinadas a esta definição, possuis as qualidades apontadas na minha ultima chronica e mais ainda, as que hoje, em supplemento, á ultima hora, accrescento.

E havia eu de cazar contigo?!

Abrenuncio!...

Mas, como se tudo isto não fôsse ainda bastante para eu me recuzar ao sacrificio, forneces-me tu um ultimo argumento para te não fazer a vontadinha, apresentando-se como *litterata*.

Mulher que escreve *coisas*... é fugir della a sete pés... é sempre horrorosa... mette medo a um *comboy*!...

Basta o facto de serem *litteratas* para eu estar vendo *in mente* a tua imagem:—alta, magra, escanzellada, *chinó* e caracões e luneta a cavallo em nariz de cavallête, presa a cordão preto por detraz da orelha...

Aposto que acertei?

Ora dize lá, se franca. Mandame o teu retrato e, ouve:—se eu me tiver enganado prometto solemnemente... não tornar a chamar-vos *solteironas*.

Sereis,—faça-se a tua vontade.—*celibato cultoras*...

Mas cazar?... Isso nunca!

Escolhe outra victimas... de mais a mais, depois do encerramento das escolas, ha por ahi tanto estudante á boa vida!...

E se estes não te chegarem mandam se vir os do *sol e dô do Instituto Industrial*...

Atira-te, Angelica, que os mocinhos talvez cáiam, e... *bonne chance*...

Não te quer mal o Faro, maio, 1902.

DIABRETE.

De PORTINÃO

(2 DE MAIO)

Teve logar na ultima quarta-feira, uma reunião dos quarenta maiores contribuintes d'este concelho, reunião feita por iniciativa da camara, com o fim de se augmentar 10 % sobre as contribuições da propriedade. Esse augmento devia redundar em proveito do municipio, que luta com difficuldades, segundo a opinião dos enfronhados no assumpto.

Os quarenta maiores proprietarios, como já se esperava, rejeitaram a proposta da camara, constando-nos que apenas tres, os srs. Luiz Vieira, Luiz Furtado e Frederico Mendes Junior, a approvaram.

Vamos pois, com a imparcialidade que sempre temos mantido, visito não caminhar-mos na cauda dos politiquinhos locais, esplanar a ver-

dade e pôr a questão nos devidos termos.

E' já sabido por toda a gente que vê dois palmos adeante do respectivo nariz, que em Portugal tudo ou quasi tudo obedece á mesquinha e nefasta politica.

A actual camara recebeu da sua antecessora um debito que orça por dois ou tres contos de réis e um credito (mais ou menos quebravel) de sete contos. Acontece porém que a actual camara não segue a politica regeneradora, sendo portanto o administrador adversario politico. E tudo n'este paiz, como já dissemos, obedece á maldita politica...

A camara não tem rendimento bastante para a sua regular manutenção, e o administrador, que é do partido vigente, não cobra, como lhe competia, as dividas feitas áquella repartição.

Consequencias: os quarenta maiores allegaram que fizesse a camara, pelos meios competentes, executar os caloteiros do municipio, que depois, sendo preciso, da melhor vontade concordavam com o augmento agora desejado. Mas a camara, devido á politica adversa que tem, como dissemos, e também devido á brandura do administrador, que é um bom cidadão, mas um inepto funcionario, não consegue fazer entrar em cofre o que lhe devem. Se pedir a demissão de administrador, não é attendida, por militareem em campos oppostos e reinar o partido *administrativo*.

O que muita gente censura, sobretudo, é a auctoridade administrativa, que foi na ultima vereação presidente e que, por isso mesmo, já sabia das attribuições financeiras da camara, como facilmente se demonstra com as instantes reclamações officiaes por elle então dirigidas ao administrador da occasião, e que na situação presente não sabe cumprir o que exigia que outro cumprisse.

Politica e mais politica, repleta de vaidades irritantes e despeitos de notabilidades estolidas, eis no que estas divergencias se condensam.

A nós portanto, como meros observadores, pertence-nos dizer a verdade e causticar essas chagas mentaes...

Ouvimos dizer a alguns dos proprietarios, que um dos mais entusiastas do almejado augmento, deve uma choruda verba ao municipio e que esse individuo, como exemplo propagador, devia pagar o que deve.

O exemplo, para ser benefico, era na verdade partir de casa.

Mas os quarenta maiores, também como lição moralisadora e para o engrandecimento da terra, como querem, deviam solicitar de cima a exoneração do administrador e pedir ou indicar para o referido logar um homem que soubesse desempenhar cabalmente o seu logar, sem olhar a malquerenças d'uns e odios solertes d'outros.

Como final, diremos que se commentou picarescamente esta phrase d'um dos quarenta maiores proprietarios e socio do club aristocratico:—O proprietario já não *veve* do rendimento da propriedade... quanto mais ter de pagar mais contribuições...

—O sr. Hintze Ribeiro: este homem está na conta para nosso ministro de instrucção publica!...

—De dia para dia ha no centro da villa mais falta d'agua, quando devia ser ao contrario. Só quando os aguadeiros não se embebedam é que ha fartura, o que é caso phenomeno!

—Mergulhou hontem na inconsciencia do nada a alma rutilante d'um grande e ignorado poeta.

Chamava-se José Maria Pinheiro, sendo mais conhecido por *cabo Pinheiro*, em consequencia de ser cabo veterano do tempo de D. Maria II.

Era um homem inculcto, mas de superior intelligencia, possuindo o *fogo sagrado* dos verdadeiros inspirados, aquelle *quid* simultaneamente funesto e devalnal que caracteriza a frente dos poetas e dos doidos.

O cabo Pinheiro era um *diamante em bruto*, como lhe chamava o padre Chaves, um fino e culto espirito d'esta terra.

Deixa muitas poesias manuscri-

ptas e impressas, sendo algumas de grande valor pela espontaneidade da forma e transcendencia da ideia. Como prova do que asseveramos, vamos desfolhar duas ou tres pétalas d'essas flores espirituaes tão singelas e eloquentes.

Na morte d'um amigo escreveu o cabo Pinheiro uma formosa elegia, que começa assim:

E' triste ver mudo e quedo
O rosto que outr'ora ledo
O nosso rosto fitou;
Faz desesperar da sorte
Ver fechada pela morte
A bocca que nos fallou!

E' ou não primorosa esta sextilha?

Que o digam os que sabem apreciar e conhecer os arcanos da Arte.

Se como lyrico humano, Pinheiro era admiravel, também como humorista os seus dotes imprimiam um cunho de genio aos epigrammas, nos quaes era d'uma fertilidade surprehendente.

Ha annos residiu n'esta villa um homem que teve bons principios, mas que, devido a desgostos intimos, deixou resvalar o pensamento, como Esproneida e Bandelairo, para o pantano da embriaguez. Em casa d'esse desventurado foi um bello dia o cabo Pinheiro encontrar intacto um garrafão de vinho superior, o que lhe fez improvisar logo:

Foi-se encontrar um cordeiro
No lar do lobo cervical...
Quem pensou que este animal
Era tão hospitaleiro!?

A imagem é soberba: o garrafão, ainda cheio do delicioso nectar offerecido, era o *cordeiro*; e a ferra cervical, o *lobo*, era o borrachão, que bebia desalmadamente. Aquelle vinho estava ali havia já quinze dias, mas como era doce não tinha agradado ao paladar do contemplado...

Poucos diriam ao ver aquelle velho pobre, magro, nervoso e abstracto, sempre meditativo, sempre absorvido nas concepções do mundo interior, que residia ali n'aquelle fragil involucro, o espirito ingente d'um illuminado, a quem a tyrannia e o egoismo d'uma sociedade estagnada deixaram na meia sombra do obscurantismo.

E não é só como poeta que José Maria Pinheiro se impõe ao nosso respeito e á nossa admiração. Além do talento, possuia um coração de homem são e honesto. Tinha numerosa prole que sustentava com o seu trabalho quotidiano, permanente, constante.

Era dos antigos portuguezes de rija tempera, humilde mas honradissimo, predicado este muito raro n'esta epoca de bandalheice.

Ainda ha duas semanas lhe morrera uma nora que deixou na orphananda nove filhos menores; e foi decerto este golpe cruel que lhe accelerou a existencia com um ataque cerebral.

Dizem nos que tinha mais de oitenta annos e que podia estar reformado em general—como muitos dos seus contemporaneos—se não fora a sua veia de poeta e o seu temperamento de bohemio. Aqui, era o probro morto estimado de todos que o conheciam.

Ha poucas horas, quando passou proximo de nós o cadaver mirrado do idealista ancião, lembrámo-nos, piedosamente, dos inhesteticos e luminosos versos em que *elle* dizia do sonho transitorio conhecido por *vida*:

Gota d'agua no oceano dos tempos,
Mytho indecifrável para os homens!

No cortejo funebre encorporaram-se alguns amigos e admiradores do extincto, sendo o seu caixão coberto pela bandeira portugueza e conduzido por quatro militares reformados. A camara municipal, de quem o cabo Pinheiro foi dedicado zelador por muitos annos, estava representada pelo seu secretario e por um vereador. Uma força d'infanteria 17, postada no cemiterio, deu as competentes salvas.

Alguns hospedes do hotel Sãnsão, condoidos com a pobreza da familia enluctada, abriram entre si uma subscripção.

Pensa-se também, para o mesmo fim, realizar um espectáculo no theatro d'aqui.

— Pedimos a quem competir que ponha cobro ao abuso de muitos carreiros que andam em cima dos carros pelas ruas da localidade, e também ás correrias desenfreadas dos moços que vão dar agua a alguns muarses d'um proprietario. Não se deve tolerar tanto abuso.

FLORIDOR.

De SILVES

(MAIO, 6.)

Retirou a semana passada para Faro uma força de infanteria 4 que aqui esteve em diligencia, tendo por commandante o sr. tenente Francisco de Paula Ferreira.

—O 1.º de maio foi aqui muito festejado pela classe operaria que em numero superior a oitocentos operarios, com o estandarte da Associação Corticeira á frente e uma philarmónica, foi distribuir algumas esmolás a operarios enfermos, correndo tudo na maior ordem.

—Na proxima sexta-feira está projectada uma grande montaria aos lobos que n'estes ultimos dias têm feito grandes estragos no gado, tendo sido vistos até proximo da cidade.

—Falleceu, sabbado, na sua casa em Algoz, a mãe do sr. dr. Marreiros, advogado em Loulé. Contava 72 annos de idade. O seu funeral foi muito concorrido por pessoas de todos os arredores.

(Correspondente)

N'uma barraca de banhos vê-se uma grande taboleta, em que se lêem os diferentes preços de banhos divididos assim:

Sexo masculino, 40 réis.
Sexo feminino, 60 réis.
Sexo ecclesiastico, 80 réis.

ANNUNCIOS

EDITAL

ERNESTO VIEIRA DE MATTOS, escrivão de fazenda do concelho de Tavira, por Sua Magestade El-Rei a quem Deus guarde, etc. etc.

FAZ SABER que, em virtude do regulamento da contribuição sumptuaria publicado no *Diario do Governo* n.º 98 de 3 do corrente mez, a referida contribuição será paga a contar do 1.º de janeiro do corrente anno por meio de licenças, as quaes deverão ser solicitadas na repartição de fazenda d'este concelho, no prazo de 8 dias a contar do dia 20 do mencionado mez; e quando qualquer contribuinte deixar de se munir das mesmas licenças, lhe serão applicadas as multas estabelecidas na dita regulamentação. E para constar se passou o presente e outros identicos que serão afixados nos logares do costume.

Repartição de fazenda do concelho de Tavira, 5 de maio de 1902.

O escrivão de fazenda,
(5873) Ernesto Vieira de Mattos.

LENHA

VENDE-SE até 100 quintaes e cepa de vinha. Trata-se com Joaquim da Fonseca Junior.

TAVIRA (5874)

NEGOCIANTES DE BEBIDAS

PREVINE SE, que no dia 1.º de maio abriu em Faro a *Fabrica de Prolitos, Gazozas, Xaropes e syphões*, melhorando este anno a fabricação, por ter mandado vir pessoal habilitado para esta industria.

Pedidos e tabellas de preços a J. Nunes Madeira,—FARO.

ALCATRÃO RUSSO

EM magnificas condições, recebido directamente de Wasa, offerece

V.ª M. C. SANTOS MENDONÇA
OLHÃO (5871)

A TRADIÇÃO

Revista mensal ethnographica dirigida por Ladislau Picarra e Dias Nunes.

Serpa

P. Cancelli e H. Anachoreta

A CAÇA

Revista mensal illustrada. R. Nova do Loureiro, 36-2.º—Lisboa.

BIBLIOTHECA MODERNA

Director: Pinto Ribeiro—Gouveia N.º 1: *Contos Novos* (tradução do hespanhol). Cada vol.—100 réis.

O TIRO CIVIL

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Orgão official da *União dos Atiradores Civis Portuguezes* e da *União Velocipedica Portugueza*. Rua do Crucifixo, 19-1.º—Lisboa.

Antonio Corrêa d'Oliveira

ALLVIO DE TRISTES

Livro de versos.—Preço 300 réis.

João Bentes Castel-Branco

A Saude

Revista mensal sobre tratamentos naturaes. Caldas de Monchique

A Educação Nacional

Revista pedagogica. Anno—17600 Porto

Anna de Castro Osorio

PARA AS CRIANÇAS

Contos. Cada fasciculo 60 réis

SETUBAL

Simões Ferreira

NOTAS D'UM PORTUGUEZ

Quadros da nossa terra. Preço—200 réis, Livraria Moderna, Rua Augusta, 95—Lisboa.

Ribeiro de Carvalho

TERRA DE PORTUGAL

Livro de versos.—Preço 500 réis. Eduardo Noronha

A AMBICÃO D'UM REI

Romance historico, versando no reinado de D. João II. Anda em distribuição aos fasciculos de 60 réis pela Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—Lisboa.

O PHILARMONICO PORTUGUEZ

Publicação de musicas para philarmonica, Director: Ribeiro de Couto. Figueira da Foz

F. Gomes da Silva

OS MYSTERIOS DA INQUISIÇÃO

Romance historico illustrado—Caderneta—60 réis. Largo do Conde Barão, 50—Lisboa.

O Occidente

Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro. Largo de Poço Novo—Lisboa.

Gazeta das Aldeias

Director Julio Gama. Revista de vulgarisação de conhecimentos agricolas.—Porto.

Encyclopedia das Familias

Revista mensal de tudo e para todos.—Lucas e Filho, R. do «Diario de Noticias»—Lisboa.

Jornal Horticolo-Agricola

Publicação mensal.—Anno—500 réis. Rua dos Fogueteiros, 5—Porto.

Eusebio de Queiroz

A VÉ-STELLA

Versos. R. do Paraíso, 154—Porto.

Revista de Infanteria

Publicação mensal authorizada pelo ministerio da guerra. Rua de S. José, 30 a 42—Lisboa.

Faustino da Fonseca

ALMA PORTUGUESA A RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

Romance historico em distribuição aos fasciculos de 40 réis.

Livraria Bertrand

R. Garrett, 73 e 75—Lisboa.

Walter Scott

IVANHOÉ

Romance. Livraria Editora de Guimarães, Libanio & C.ª, Rua de S. Roque, 108, 110—Lisboa.

A CHRONICA

Revista litteraria.—Produções ineditas. Travessa da Palha, 101—4.º—Lisboa.

Edmundo Gorjão

JURISPRUDENCIA PORTUGUEZA

Rua da Victoria, 42, 2.º—Lisboa.

Paul Mahalin

O FILHO DO MOSQUETEIRO

Sensacional romance historico em distribuição aos fasciculos illustrados de 40 réis. Empresa de *As Trez Bibliotecas*, Rua da Barroca, 72—Lisboa.

GERMINAL

Revista quinzenal de litteratura e critica. Rua do Bomjardim, 769—Porto.

Henryk Sienkiewicz

Auctor do QVO VADIS

HANIA

Romance. Preço 300 réis. Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—Lisboa.

Decio Carneiro

Revista Contemporanea

Rua do Ouro, 258—Lisboa.

Padre Manso

Commentarios

Pamphletos mensaes. Livraria Central de Gomes de Carvalho, R. da Prata, 160—Lisboa.

José Agostinho

Versos Novos

Livraria Editora de Antonio Figueirinhas. Rua das Oliveiras, 73 a 77, Porto.

João de Menezes

Ensaio

de Propaganda e critica 1.º—A Nova Phase do Socialismo—Livraria Central de Gomes de Carvalho, Rua da Prata, 160—Lisboa.

CASA

VENDE-SE uma terra, com frente para a rua do Postigo dos Fumeiros e rua de Santa Izabel. Quem pretender dirija-se a

FRANCISCO JOSÉ BARROSO (5863) PORTIMÃO

Vinhos da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

VINHOS DO PORTO

DE MONSÃO (VER-

AMARANTE, DES

ESPUMOSOS, ESTY-

LO CHAMPAGNE.

A venda no estabelecimento de

JOSÉ GENTIL & C.ª (5869) TAVIRA

CAVALLOS

VENDE-SE uma parelha de grandes trotadores, e baratos. Pode ver-se em Tavira e tratar-se com JUSTINO CHAVES (5856)

CARRINHO DE MOLAS

VENDE-SE novo e barato. Trata-se com Antonio Pires Soares Junior no sitio da Porta Nova d'esta cidade. (5867)

PROFESSORA

BELEMIRA JULIA ARAGÃO, achando-se permanente n'esta cidade, lecciona as primeiras letras pelo methodo de João de Deus e Simão Raposo, instrução primaria, francez e portuguez, Rua dos Ciganos—TAVIRA.

MOBILIA

COMMODA chiffoniere, banquetas de sala, meza de jantar, cadeiras, quadros, etc., etc., vende-se na rua Nova Grande, 27—1.º, Tavira. Póde ver-se todos os dias, das 11 horas da manhã em diante.

SAPATEIRO

PRECISA-SE de um bom para obra sómente ponteadas, tanto para loja como para freguezes.

Trata-se com SILVERIO DO CARMO CAPELLA (5866) TAVIRA

CASA

VENDE-SE uma na Atalaya, que se compõe de nove compartimentos, varanda e quintal proprio para semear com poço e arvores de fructo. Recebem se propostas em casa de D. Anna Padinha. (5842)

PROPRIEDADE

VENDE-SE uma no sitio dos Calicos freguezia de Moncarapacho, que pertence a João Pedro Garrana e Domingos Pacheco Garrana. Trata-se com Augusto Pereira Netto, Rua da Caridade—Tavira. (5859)

BREACK-PHAETON

NOVO, elegante, muito leve, com lança, varas e cabeça.

Vende-se barato. Afiança-se e deixa-se experimentar. Pode ver-se em Tavira e tratar-se com

JUSTINO CHAVES (5857)

ATENÇÃO

PROPRIEDADES

VENDEM-SE AS SEGUINTE:

1.ª—Uma propriedade denominada a *Torrinha*, situada no concelho de Lagôa, que se compõe de vinha, figueiras, sobreiras, amendoeiras, oliveiras, alfarrobeiras, terra de semear e casa de habitação. Vende-se por 8.000.000 réis.

2.ª—Uma propriedade no sitio de Loubite, freguezia de Silves, que se compõe de vinha, figueiras, sobreiras, amendoeiras, oliveiras, alfarrobeiras, terra de semear e casa de habitação. Vende-se por 4.000.000 réis.

3.ª—Uma propriedade denominada a *Quinta Nova*, freguezia de Silves, que se compõe de figueiras, amendoeiras, oliveiras, alfarrobeiras, terra de semear e boa casa de habitação. Vende-se por réis 1.100.000.

Quem pretender, queira dirigir propostas de venda em carta fechada ao seu proprietario.

O proprietario,

Daniel José Paulo d'Althayde Castel-Branco. Rua de S. Lazaro n.º 48, Tavira. (5829)

OURIVESARIA E RELOJOARIA

DE

DANIEL CASTEL-BRANCO

E

FRANCISCO RAMOS

ENCONTRA-SE n'esta casa um lindo sortido em OURO, PRATA e RELOGIOS, por isso participamos ao publico d'esta cidade e de toda a provincia que não façam as suas compras sem primeiro visitarem esta nova casa. Tambem se compra ouro e prata a troco, concertam se relógios e fazem-se todos os objectos que nos encommendem.

ATTENÇÃO—Todos os objectos em exposição n'esta casa são garantidos e assim como só nós vendemos pelos preços mais mimitados.

Proprietarios e fundadores,

Francisco Ramos e Castel-Branco

RUA DE S. LAZARO N.º 39.—TAVIRA

(5840)

AO AGRICULTOR

E AO

INDUSTRIAL

DEPOSITO AGRICOLA

E DE

MATERIAL PARA FABRICAS DE CONSERVAS

ADUBOS SIMPLES E COMPOSTOS, para todas as culturas e terrenos

SULFATO DE COBRE, 98/99 % d'oxydo de cobre

SULFATO DE FERRO

ENXOFRE BRANDRAM, 1.ª, em barricas

ENXOFRE AMARELLO, moido, de 1.ª qualidade

ENXOFRE CUPRICO, 8/10 % de sulfato de cobre

PULVERISADORES, ENXOFRADORES e todos os instrumentos para tratamento das vinhas, etc.

TUBOS DE BORRACHA E MANGUEIRAS DE LONA

CHARRUAS, GRADES, TARARAS, DESCAROLADORES

DE MILHO, TRITURADORES DE RAÇÕES ETC.

ESTANHO EM BARRA E VERGUINHA

CHUMBO EM BARRA

COBRE EM BARRA

FOLHA DE FLANDRES

Recebe pedidos e envia preços de azeites nacionaes e estrangeiros.

PREÇOS DE LISBOA

EM

VILLA NOVA DE PORTIMÃO

23—RUA DA RIBEIRA—25

N. B. Como representante de varias casas commerciaes, nacionaes e estrangeiras, recebe amostras e preços de todos os productos agricolas e industriaes, para exportação, e satisfaz quaesquer encommendas.

DIREGIR A

J. B. S. Castel-Branco

COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

23—RUA DA RIBEIRA—25

PORTIMAO

(5862)

FABRICA DE LICORES

DO

SEculo XX

EM

FERRAGUDO

A. JUDICE & C.ª

SEDE EM PORTIMÃO

Fabrica de Licores do Seculo XX A representa um acontecimento notavel do seculo que lhe deu o nome.

As diferentes marcas de licores que offereça aos seus clientes são, pela sua excellencia, destinadas a fazer uma revolução completa n'esta industria em Portugal, pois que, só ellas, estão á altura das melhores marcas estrangeiras, com as quaes não só rivalisam, como tambem as excedem em boa qualidade. Os licores da Fabrica do Seculo XX são fabricados segundo os mais recentes systemas francezes e preparados com

forme as antigas tradições francezas que assim grangearam a justa fama dos melhores licores do mundo. O director tecnico da Fabrica do Seculo XX, com sua longa pratica em França, d'esta industria, é a melhor garantia que podemos offerecer aos nossos clientes.

(5860) A. JUDICE & C.ª

Officina de canteiro e esculptura

DE

José Maria Paulino

Fernandes

Eucarrega-se

de todo o trabalho pertencente

à sua industria;

jazigos, campas, ornamentos,

espelhos, banheiras, bancadas,

marmores para moveis, etc.

LARGO DO CARMO

(5872)

Faro